

XV CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA - 26 A 29 DE JULHO DE
2011, UFPR, CURITIBA, PR

GT 09: Ensino de Sociologia

Coordenação: Amaury César Moraes (USP) e Anita Handfas (UFRJ)

**Formação de Professores em Sociologia: experiências de iniciação a
docência**

Rosemary de Oliveira Almeida (UECE)
Danyelle Nilin Gonçalves (UFC)

Resumo

A pesquisa reflete sobre a formação docente do cientista social que pretende atuar na educação de jovens no Ensino Médio, sobre os desafios e incertezas com os quais se defrontam e, conseqüentemente, sobre os rumos da Sociologia, como uma área das ciências sociais, apta a se aventurar no conhecimento, na pesquisa e na prática pedagógica do dia a dia escolar. As reflexões são baseadas nos resultados de uma prática reflexiva que está se consolidando no Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará, por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID), que objetiva estimular a escolha pelas licenciaturas, a valorização do magistério e a inserção dos licenciandos na vida escolar.

1. Introdução

Ensinar sociologia para jovens do Ensino Médio é um desafio para a formação no século XXI. Geralmente, no Brasil, são as Licenciaturas em Ciências Sociais que tem o papel e fundamento básicos na formação de professores para atuarem no Ensino Médio, especificamente, na disciplina de Sociologia. Partimos do pressuposto de que um dos pilares desse processo é pensar e exercitar a formação do cientista social, articulada com a perspectiva do Ministério da Educação condizente com as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de Professores da Educação Básica”. Os princípios das Diretrizes se voltam para a capacidade de educar mediante o desenvolvimento de conhecimentos vinculados à construção da cidadania e que possibilite aos discentes instrumentos próprios de compreensão das problemáticas sociais, políticas e econômicas da sociedade.

Consideramos que este princípio só se constitui por meio da articulação entre a formação docente com seus recursos epistemológicos e a prática cotidiana mediada pela inserção do formando no *modus operandi* da instituição escolar. Trata-se do ponto de cruzamento entre a formação básica cognitiva e o exercício estratégico mediante a experiência da iniciação a docência, ou seja, no encontro entre a dimensão instituída do conhecimento e das exigências da cultura escolar e a dimensão instituinte, criativa da experiência cotidiana do futuro professor inserido no cotidiano das escolas, experiência que se estenderá na vida docente.

Neste sentido, o foco deste artigo é a formação docente voltada para a atuação na disciplina de Sociologia no Ensino Médio e, conseqüentemente, sobre os rumos da Sociologia, apta a se aventurar no conhecimento, na pesquisa e na prática pedagógica do dia a dia escolar. Essas reflexões são mediadas pela prática reflexiva que está se consolidando no Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará, por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência/ PIBID¹, cujo objetivo é contribuir com os cursos de licenciatura na formação do licenciando mediante a inserção do estudante na vida da escola nas dimensões do ensino e da pesquisa.

Compreendemos que diferentemente de disciplinas como História e Geografia, já asseguradas na instituição de currículos e consolidadas no imaginário dos estudantes, a Sociologia, mesmo com avanços significativos nos últimos anos, ainda carece de processos de identificação no ensino médio; para alguns, ainda necessita de um porto seguro metodológico e didático. Os estudantes em formação e os estudantes das escolas e, ainda, alguns professores se deparam com questões sobre qual a identidade da Sociologia, o que ensinar e como ensinar, além da pergunta sobre para que serve a sociologia neste campo do ensino. Quais as metodologias mais apropriadas e que conteúdos selecionar são também questões com as quais os professores se debatem.

Importa salientar que a inquietação com os conteúdos, materiais e metodologias de ensino da sociologia no ambiente escolar não é prerrogativa do momento atual. Ao contrário, caminharam ao lado da institucionalização da disciplina ao longo do século XX.

Entretanto, questionamos, também, ao lado destas questões pertinentes, como a preocupação demasiada com uma identidade segura, com objetivos, conteúdos e metodologias estabelecidas pode acabar tornando a disciplina estática, instituída, e desconsiderar o ponto de cruzamento com o instituinte, com o lado processual próprio das ciências humanas. Em que

¹ O PIBID é um Programa do Ministério da Educação do Brasil, financiado pela Coordenadoria de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/CAPES, Diretoria de Educação Básica Presencial/DEB. A UECE concorreu ao Edital N° 02/2009 – CAPES/DEB e foi selecionada para executar suas atividades propostas durante dois anos, iniciadas em maio de 2010, devendo se estender até abril de 2012.

medida a pergunta pela identidade apóia-se na busca de uma segurança curricular para ser uma disciplina como as outras e se esquece da insegurança instituinte própria da condição das humanidades?

Estamos falando de uma formação e de uma ciência humana cuja fortaleza, a nosso ver, está exatamente no processo contínuo da compreensão do mundo e de suas relações sociais, que se dá não só na dimensão do estabelecido, do seguro e certo, mas na relação com o campo instituinte que se configura também na busca pelas incompreensões, pelas visões incertas, a se fazer e a se refazer constantemente. É neste campo que o estudante e o docente encontrarão desafios e incertezas na profissão ao se embrenhar nos caminhos da segurança instituída pelos currículos prontos e da insegurança do instituinte dos afazeres cotidianos de tais currículos. Trata-se de se lançar nas encruzilhadas das incertezas de que nos ensina Edgar Morin (2000), porque são inerentes e constituintes da prática do dia a dia, ao lado do que parece certo e garantido.

2. Ensinar Sociologia, formar docentes: O PIBID nas ciências sociais

Escrever sobre o ensino de Sociologia no Ensino Médio nos faz recordar imediatamente o texto de Wright Mills (1982), “A Imaginação Sociológica”, para quem a sociologia se faz mediante o trabalho artesanal, de construção do raciocínio que não se dá sem uma profunda imersão nas experiências de vida articuladas com a experiência intelectual. Trata-se do cultivo da imaginação sociológica que ocorre por intermédio do trabalho artesanal associado, também, a “certo estado de espírito alegre” que combinam idéias e experiências do mundo comum nem sempre aceitas pela razão técnica, mas que busca sentido nas relações e interações sociais que são sempre conflitantes.

É este sentido quase ausente aos olhos comuns que a Sociologia busca compreender por meio da interpretação do mundo e das interações sociais entre humanos em suas diferentes expressões e manifestações. Mas, acostumamos a compreendê-la como ciência da academia, inserida nas universidades entre suas pesquisas analíticas e aulas ministradas por professores PhD, formadores de sociólogos pesquisadores e professores que

continuarão seu legado nas universidades. Mas, e quanto ao ensino desta ciência aos jovens do ensino médio? É possível pensá-la como disciplina/ciência da compreensão e da interpretação da condição humana, do mundo e suas facetas? Em que contribui e como pode ser encaminhada para estes jovens?

Há diferentes caminhos para pensarmos o ensino da compreensão mediante a sociologia. Nada mais propício do que voltar-se às experiências teórico-práticas existentes no campo da formação. Neste sentido, consideramos que, ao lado da trajetória teórica da Sociologia, no âmbito do ensino e da pesquisa, ela se constitui mediante experimentação de teorias e práticas, revolvendo suas tradições e buscando inovações teórico-metodológicas, e, ainda mais, no campo do ensino dessa ciência, também experimentações didáticas que se constroem necessariamente no fazer docente. Assim, este artigo, selecionou a experiência de formação docente do PIBID na área das ciências sociais que se especifica no ensino da Sociologia no ensino médio, uma oportunidade ímpar para ajudar a florescer nos estudantes a imaginação sociológica no ato de ensinar jovens.

O PIBID foi criado em 2008 com a finalidade de valorizar o magistério e apoiar estudantes de licenciatura plena, das instituições públicas e comunitárias, sem fins econômicos, de educação superior. Um de seus objetivos é a elevação da qualidade das ações acadêmicas voltadas à formação inicial de professores nos cursos de licenciatura das instituições de educação superior, assim como a inserção dos licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, promovendo a integração entre educação superior e básica.

O PIBID da Universidade Estadual do Ceará atua em diferentes áreas do conhecimento e denomina-se “A Vida Docente na Escola: aprender e ensinar pela pesquisa”². Tem como foco a aprendizagem da profissão do professor mediante contato direto dos licenciandos com a escola e seu cotidiano, especificamente com os afazeres do trabalho docente. Entendemos que a vivência cotidiana do aluno na escola é fundamental para o conhecimento e a aprendizagem de sua futura profissão, ser professor. E que a

² Ver Projeto no site da Universidade: www.uece.br/pibid.

aprendizagem é um acontecimento do dia a dia escolar e se aprofunda no envolvimento com atividades de pesquisa das temáticas que cercam a escola, seus profissionais e seus desafios.

A experiência do PIBID tem buscado justamente desenvolver um processo colaborativo de iniciação à docência entre universidade e escola com base nas situações de trabalho e dilemas práticos característicos do efetivo exercício docente. Tem desse modo o sentido de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino na escola pública e das ações acadêmicas de formação docente empreendidas pela UECE por meio da parceria e do reconhecimento dos professores experientes da rede estadual como co-formadores.

2.1 O PIBID nas ciências sociais: experiências de inserção à docência em sociologia

Este Programa, no campo das ciências sociais, tem se constituído em um movimento didático-metodológico circular e aberto, de ensinar e aprender pela pesquisa, envolvendo a prática e a formação profissional, em sua interdependência, articulando ações docentes e discentes, em processo de permanente construção mediado pelas tramas do cotidiano escolar.

O PIBID/Ciências Sociais aproximou quatro sujeitos importantes para o desenvolvimento da Sociologia no ensino médio: professores e estudantes do ensino médio da escola pública, professores universitários e estudantes de Ciências Sociais da UECE numa relação que se estreita e se intensifica com a execução de ações de ensino e pesquisa. Neste sentido, assim como em outras áreas atendidas pelo PIBID em instituições de ensino superior, são concedidas bolsas em quatro modalidades: iniciação à docência, para estudantes dos cursos de licenciatura plena; de supervisão, para professores das escolas públicas estaduais que acompanham as atividades dos licenciandos nas escolas; para coordenadores de área de conhecimento e coordenadores institucionais de projeto, ambos docentes da UECE.

O Programa busca também proporcionar aos sujeitos envolvidos, em especial aos futuros professores, participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar, na perspectiva de buscar a superação de problemas identificados no processo de

ensino-aprendizagem, além de incentivar as escolas e seus professores a tornarem-se protagonistas nos processos formativos dos licenciandos e futuros professores. Os professores são também convidados a rever seus saberes e práticas.

A proposta do PIBID/Ciências Sociais tem se fundamentado no desenho pedagógico-curricular que busca associar a bagagem de formação teórica desde o início do Curso³ à experiência de inserção dos estudantes da licenciatura nas escolas. Entendemos que um dos meios possíveis para essa inserção se dá através da participação direta nas estruturas das escolas e nas salas de aulas onde se desenvolve o ensino da sociologia, se constroem diagnósticos por meio da observação e se aventuram na dinâmica das escolas para desenvolvimento de pesquisas. A pesquisa é uma atividade básica do Programa na formação docente. No caso das ciências sociais aposta na perspectiva metodológica pesquisa-ação, que se fundamenta na construção coletiva da pesquisa em todas as suas fases, mediada pela participação de pesquisadores e sujeitos pesquisados, ou seja, licenciandos, professores da UECE, professores e estudantes das escolas envolvidas.

Mediante chamada pública interna na área específica das ciências sociais foram selecionados na Universidade 20 bolsistas de iniciação a docência, e a partir de maio de 2010, se inseriram em duas escolas públicas estaduais, acompanhados pela coordenadora da área de sociologia, professora do curso de ciências sociais da UECE e pelos supervisores, um de cada escola, que são professores da disciplina de sociologia no Ensino Médio. 10 bolsistas estão desenvolvendo suas atividades na Escola de Ensino Médio Liceu Vila Velha, situada no bairro de mesmo nome, e 10 estão no Colégio Estadual Presidente Humberto Castelo Branco, situado no bairro Itaoca, em Fortaleza. Ambas estão localizadas em bairros acometidos por diversos problemas de infra-estrutura urbana, sendo o Liceu situado em bairro, classificado como pobre e relacionado a problemas de insegurança e violência. Portanto, as escolas abrangem um público jovem de alta vulnerabilidade social, têm dificuldades comuns relativos à gestão e organização escolar da rede

³ Foram selecionados estudantes de semestres iniciais, do segundo ao quarto semestres para que acompanhassem as atividades de inserção na escola desde o início e durante boa parte de seu percurso no curso, coincidindo e contribuindo com sua formação nas disciplinas didáticas e de estágio supervisionado.

pública e apresentam severas contradições nas estruturas da escola, assim: uma das escolas tem estrutura física de Liceu, conta com número grande de alunos e desenvolve alguns projetos, dentre eles, Feira de Ciências, Encontros de Iniciação Científica etc.; a outra instituição é uma escola pública tipicamente de periferia, sem estrutura física e com tendência à redução do número de alunos, dado o elevado índice de evasão e ausência de novas matrículas, porém dado que se modifica ano a ano dependendo da conjuntura social e política no campo da educação e dos impactos do trabalho da gestão escolar, dos professores, alunos e outros sujeitos envolvidos na instituição.

A inserção nas escolas ocorreu de modo gradual e supervisionado, inicialmente de maneira exploratória, permeada ainda pela negociação da presença de universitários no ambiente escolar, pelas dúvidas e incertezas sobre tal experiência dos dois lados (escola e universidade), até nos avizinharmos da empatia e confiança necessárias. Depois o processo de inserção tornou-se mais bem sistematizado. Os estudantes passaram a construir diagnósticos sobre as condições de oferta do ensino nas escolas por meio da observação, do exercício do olhar que vê o lugar e seu entorno, que busca compreender, registrar e construir sentidos e significados do trabalho do sociólogo docente⁴. Aos olhos dos estudantes, esta fase, acompanhada pelos supervisores de perto, tem proporcionado material e conteúdo para compreender a gestão escolar, as estruturas físicas e humanas das escolas e as idas e vindas da sociologia no ensino médio.

Interessante é observar a alegria, ao mesmo tempo, misturada às incertezas dos estudantes, em estarem no campo da educação para além da Universidade. Seus olhares e falas se voltam para problemas de ordem estrutural, conhecidos na escola pública brasileira, como também para a prática reflexiva do trabalho docente. Trata-se, neste sentido, de desenvolver a articulação entre os estudantes e professores da escola e, em especial, da

⁴ Já é sabido que os professores de sociologia no ensino médio nem sempre são licenciados em sociologia; são geógrafos, historiadores, filósofos etc. No PIBID atuam um professor formado em sociologia e que ministra apenas essa disciplina, o que é raro, e uma professora formada em filosofia que atua nas disciplinas de sociologia e filosofia. Enquanto está no PIBID passou a ministrar apenas as aulas de sociologia.

disciplina de sociologia, por meio da co-participação dos estudantes nas atividades desenvolvidas na referida disciplina.

A ideia do Programa nas ciências sociais é proporcionar a vivência do magistério em sala de aula e em outros espaços de formação construídos durante a iniciação à docência, tais como participação nas semanas pedagógicas das escolas, reunião com o grupo gestor, com pais, com a comunidade, conselhos e outras instâncias, além de outras formações como feiras de ciências e fóruns de iniciação científica, tanto nas escolas como em eventos científicos das universidades e outras instituições de ensino e pesquisa. Outras experiências importantes também têm sido vivenciadas no âmbito da organização política de professores e estudantes, como participação em Fóruns em defesa da educação, Assembléias de professores em seus movimentos reivindicativos e participação em grupos de grêmios das escolas. Nestes espaços, estudantes estão procurando promover e realizar ações pertinentes à formação do licenciado como mini-cursos e oficinas temáticas no âmbito das ciências sociais, acompanhadas pelos professores das escolas e da UECE. Trata-se também, de formas de aproximação e preparação para a realização da pesquisa-ação.

Para consolidar essas diferentes ações, os estudantes bolsistas e professores das escolas e da universidade se encontram semanalmente para estudos, troca de experiência e avaliação permanentes, e constituíram comissões de trabalho, tais como: comissão de grupo de estudo; de oficinas e comissão metodológica. A comissão de grupo de estudos organiza material bibliográfico, estudos e seminários sociológicos e didáticos, com objetivo voltado tanto para o conhecimento quanto para oferta de subsídios teóricos para as situações de aulas nas escolas; os estudos circulam entre as teorias sociológicas e a condição da educação no Brasil, estudos específicos do ensino da Sociologia, sua didática, conteúdos e metodologias, culminando com estudos sobre livros didáticos de Sociologia no ensino médio. A comissão de oficinas planeja e executa conteúdos e dinâmicas para subsidiar eventos e a pesquisa; as oficinas são elaboradas sempre que necessárias por ocasião da participação em eventos científicos ou eventos nas escolas, em mini-cursos, oficinas, seminários etc. A comissão metodológica está em construção desde o período de maio de 2011, no sentido de coordenar metodologias de pesquisa,

em especial voltadas para a pesquisa-ação, para envolver toda a equipe na pesquisa e consolidá-la até 2012.

Assim os estudantes, ao lado dos supervisores, estão enfrentando o magistério e sua dinâmica no ensino médio, tanto do ponto de vista do fazer docente com as práticas instituídas pela didática de sala de aula e metodologias de ensino permeadas por sua dinamicidade e seus problemas, quando do ponto de vista instituinte ao buscar vivenciar os imponderáveis da prática docente e da cultura escolar permeada por situações de conflito, dúvidas e incertezas.

Pinto (2002), ao refletir sobre a relação teoria e prática retoma o pensamento de Gamboa para quem a relação teoria-prática é uma relação dialética, visto que “a teoria transforma-se na negação da prática porque a tensiona; a prática coloca em xeque a teoria, porque em vez de se ajustar a ela transforma-se em seu contrário. (GAMBOA, 1995, p.32)

No entanto, faz a seguinte ponderação acerca da formação de professores:

O problema é que na formação dos professores, essa relação dialética demora a se tornar mais evidente, pois o futuro educador só passa a ter contato mais direto com as questões práticas quase no final de sua formação e, mesmo assim, de forma insatisfatória (PINTO, 2002, p. 177).

A experiência no PIBID, do contrário, acontece em dois anos, com o acompanhamento dos estudantes desde semestres iniciais, o que vem permitindo ao longo de encontros e observações nas escolas, das trocas de experiências e avaliações, uma vivência dos estudantes em formação, que permite situações de concretização e confronto entre os fundamentos teóricos e práticos do repertório de conhecimentos e da profissão em constituição.

Partilhamos assim a ideia de Martins para quem

a vivência do aluno junto às situações do exercício da profissão docente, ou seja, o entendimento, a compreensão das interações, presentes desde o processo de tomada de decisão na escolha e seleção do quê-fazer, passando pela intervenção docente mesma, até o reconhecimento dos resultados desta ação, proporcionará na formação inicial deste professor uma introdução àquilo que se constituirá no seu trabalho futuro (MARTINS, 2004, p. 61-62).

Vivenciar a escola em toda a sua dimensão oportuniza também sentimentos de angústia e incertezas sobre a profissão ao se deparar com situações conflituosas tanto em relação à prática docente e suas dificuldades de lidar com jovens também mobilizados por incertezas na educação, quanto das práticas oriundas do sistema educacional do Estado do Ceará.

Estar na escola, participando, observando, pesquisando e intervindo permite aos discentes travar contato com a dimensão política da educação e com os problemas concretos da educação brasileira: dificuldades em relação à gestão administrativa e pedagógica, falta de condições de trabalho adequadas para o trabalho do professor e aprendizagem dos estudantes, infra-estrutura por vezes inadequada, enfim, por situações conflituosas intrínsecas à situação do ensino brasileiro, em especial, da rede pública. Tais experiências os permitem perceber concretamente a política de educação brasileira e seus dilemas: diretrizes educacionais historicamente impostas de forma hierárquica, dificuldades de um envolvimento maior de gestores professores e funcionários, com o restante da comunidade escolar, dentre tantos outros aspectos.

Os bolsistas licenciandos são compreendidos como co-participantes da vida na escola; deixam de ser meros observadores da prática docente e passam a ser co-autores de sua própria formação, contribuindo com a dinâmica da sala de aula, do professor e do cotidiano escolar, mesmo que para isso, tenham que se jogar na aventura incerta da escola pública e de uma área ainda em construção, profundamente marcada pelas incompreensões de seu ofício, em especial quando imersa no ensino médio, mas também marcada por sonhos. Como afirmam alguns licenciandos ao se reportarem a experiência de inserção nas escolas:

Como alunos licenciandos de Ciências Sociais na UECE e participantes do projeto PIBIDI, temos um espaço propício e instigante para olharmos de maneira crítica para o cenário da educação nos dias de hoje. Vivenciamos com enorme entusiasmo a oportunidade de conhecer e interferir, ainda na graduação, nesse processo tão complexo que é a escola. (Registros de campo de licenciandos bolsistas do PIBID/Ciências Sociais).

Nosso objeto de estudo é a escola, e é a partir dela que podemos expressar nossos questionamentos, insatisfações, felizes surpresas e porque não dizer, sonhos para o cenário de educação que iremos encontrar ao término do curso. (Registros de campo de licenciandos bolsistas do PIBID/Ciências Sociais).

2.2 Pesquisa-ação em construção: experiência de formação e co-participação na escola pública

Nesta perspectiva, avançamos na reflexividade dos professores e estudantes sobre os rumos da escola pública, por meio do estudo, da experiência de co-formação e da pesquisa sobre as situações de tensão da docência e da escola como um todo. Neste sentido, sentimos necessidade de propor uma pesquisa de caráter participativo⁵ para pensar coletivamente a escola e seus sujeitos, as experiências, tensões e desafios na escola pública. Ademais, a idéia é perceber os dispositivos de renovação da prática docente que culmina com a reflexão geral ampla dos rumos da educação no Brasil e no Ceará, da escola pública e de sua gestão, além de uma reflexão mais micro do cotidiano do trabalho docente, da gestão escolar local e da experiência discente.

Para tanto, além das visitas semanais nas escolas acompanhadas pelos professores supervisores, reunimos os núcleos gestores das duas escolas que são compostos por coordenadores pedagógicos e coordenadores de áreas que escutaram as propostas do PIBID e falaram de suas expectativas em relação à pesquisa voltada para o estudo da escola pública e seus problemas, mas também solicitando estudos e ações voltadas para questões microscópicas dentro da escola, como a temática da disciplina/indisciplina dos alunos, a baixa auto-estima, o compromisso dos sujeitos da escola, entre outros.

Também reunimos alguns alunos das duas escolas que escutaram nossa proposta e narraram problemáticas relativas à experiência do dia a dia na escola e seus problemas, referindo-se à escola e seus dilemas, ao trabalho docente e gestão, bem como às suas próprias práticas e sentimentos em relação ao ensino, reportando-se também a questão da disciplina, da baixa

⁵ Entende-se por pesquisa-ação a investigação que pressupõe ação planejada a se realizar no decorrer da pesquisa, com a participação dos sujeitos envolvidos no processo. Trata-se de uma pesquisa-processo. É considerada desse tipo quando “há uma ação por parte das pessoas ou grupos implicados no problema sob observação”. (THIOLLENT, 1986, p. 15). É necessário, contudo, que essa ação não seja trivial, merecendo investigação para ser elaborada e conduzida.

auto-estima e frustrações, a valorização e desvalorização da escola pública, entre outros aspectos que pretendemos compreender na pesquisa.

Com esteio nestas inserções e conversas exploratórias, está em construção a seguinte problemática: pensar a Escola Pública, refletindo sobre processos e mecanismos de valorização/desvalorização da escola, em busca de compreender o que é público neste espaço escolar ao comparar com o privado na educação. Consideramos que esta questão é central, mas só é possível na medida em que também se busca compreender a escola em seu cotidiano, por meio de sua gestão, do trabalho docente, a carreira e valorização do professor, e as percepções e experiências dos alunos e outros sujeitos que organizam, direcionam e compõem o espaço escolar.

Diante destas questões, pensamos em levantar perguntas relacionadas ao processo da pesquisa-ação que preza pela ação coletiva em favor das mudanças que podem surgir com base na própria pesquisa. Delimitarmos o objeto de pesquisa não foi tarefa fácil, devido ao leque de possibilidades ofertadas pelos sujeitos escolares, mas, mediante formação teórica e metodológica, observações da ação docente e discente, entrevistas exploratórias, reuniões e examinando as problemáticas das políticas direcionadas para a educação, sentimos necessidade de colocar em pauta o cotidiano das escolas em estudo, do professor, do aluno, dos gestores, dos funcionários, ou seja, aqueles que constroem a educação em seu caráter empírico dia-a-dia.

Consideramos que esta pesquisa tem caráter participativo já que nasceu do trabalho conjunto daqueles envolvidos no PIBID do curso de ciências sociais, ou seja, professores da UECE e das escolas e estudantes bolsistas do Curso e das escolas. Desta forma a teoria, os objetivos e metas e a metodologia são, para além somente do campo acadêmico, estudos, desafios e ações voltadas para a contribuição com mudanças significativas no cotidiano das duas escolas envolvidas neste Programa.

Ao analisarmos as relações de alunos, professores, núcleo gestor e demais funcionários com as noções de pertencimento e valorização da Escola, percebemos que as possibilidades de atribuições de responsabilidades, pelas contradições existentes, são múltiplas. Ainda assim, não buscamos, na pesquisa-ação, atribuir culpas a nenhum segmento da Escola, mas

problematizar os processos anteriores à ação de cada um, sabendo que, cada atitude representa a mentalidade regente da mesma. Assim, olhar a escola pública e seus dilemas não é só perceber que há desestruturação, desvalorização, mas que isso resulta na compreensão do sistema educacional e seus dilemas.

A proposta da pesquisa-ação, com a participação explícita de todos os segmentos envolvidos no campo de estudo, dá margem a uma análise complexa da realidade escolar. Assim, pensando a problemática da pesquisa-ação proposta pelo PIBID, consideramos, antes de tudo, alguns aspectos fundamentais da realidade escolar que compõem o aparato empírico para definição do objeto de pesquisa. Tais aspectos são as relações entre: a Escola e o Estado, a Escola e os alunos, a Escola e o Núcleo Gestor que a compõe e, ainda, a Escola e o seu corpo docente.

3. A Sociologia: disciplina das incertezas rumo ao conhecimento pertinente

A concepção do PIBID, sua experiência voltada para o ensino e a pesquisa tem relação com os ensinamentos do educador Paulo Freire que nos convida a pensar em aprender sobre a vida, algo que não é possível sem liberar o espírito, sem correr riscos, sem se aventurar: “Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito”. (FREIRE, 1997, p. 77). Não se trata de ensinar, mas de aprender, portanto, “construir”, “reconstruir” e pegar a mão uns dos outros no processo da formação humana. Freire nos faz lembrar dois outros autores, também aventureiros do espírito: Edgar Morin para quem conhecer é “uma aventura incerta que comporta em si mesma, permanentemente, o risco de ilusão e de erro” (2000, p. 86); e George Simmel, que diz: “o filósofo é o aventureiro do espírito⁶”.

Assim é a idéia que fazemos das teias complexas do processo de formação de jovens por meio da Sociologia no ensino médio, uma aventura que adentra nos labirintos da segurança e da insegurança do conhecimento e da realidade. Percebemos que, por meio da experiência de inserção, observação,

⁶ Para aprofundar compreensão sobre aventura, ver ensaio de Simmel, *A Aventura*, entre a seleção de textos de Simmel organizada por Jessé Souza e Berthold Öelze (2005, p. 169-184).

magistério e pesquisa-ação, passamos a entender que o conhecimento pertinente é complexo, voltado não apenas para os aspectos formais do saber científico e de seus estatutos, metodologias e convenções proporcionalmente ordenados (*a segurança da vida*), como também para a informalidade, para o inusitado do cotidiano e da vida de jovens e educadores (*a insegurança*). É o que nos ensina Morin:

O conhecimento pertinente deve enfrentar a complexidade. *Complexus* significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. (MORIN, 2000, p. 38).

Os estudantes do PIBID têm pela frente um caminho incerto e complexo a seguir para alcançar vãos altos no ensino da sociologia para jovens, já que buscam de fato um conhecimento pertinente. Neste sentido é que questionamos a busca demasiada por uma identidade certa e um terreno seguro de metodologias e livros didáticos. Certamente é necessário o estudo de métodos de ensino e a instituição de livro e subsídios didáticos acessíveis ao professor e ao aluno do ensino médio, entretanto, não podemos prender o ensino da sociologia com cadeados livrescos e recursos didáticos seguros, porque cairão no ostracismo se não forem alimentados pela criatividade do caminho complexo.

Primeiro aspecto fundamental para pensar essas questões corresponde ao objetivo da Sociologia no ensino médio. É necessário compreender que a Sociologia nesse ensino continua a ser essa experiência artesanal do raciocínio, como nos ensinou Mills, em busca do sentido do conhecimento e da compreensão do mundo, mas não para formar, necessariamente, novos sociólogos. Trata-se de contribuir para a formação de “juventudes plurais” que, ao se deparar com o conhecimento e com suas diferentes experiências cotidianas (familiares, amigáveis, estudantis, profissionais, econômicas, políticas, religiosas, culturais e àquelas ainda estranhas à sua compreensão), não se esqueçam de olhar para o mundo a sua volta, de pensar seus objetos e cores, seus personagens interagindo

profundamente com o meio ambiente e humano que o cerca. Como afirma Morin em relação a um dos sete saberes, “ensinar a compreensão”:

Há duas formas de compreensão: a compreensão intelectual ou objetiva e a compreensão humana intersubjetiva. Compreender significa intelectualmente apreender em conjunto, *comprendere*, abraçar junto (o texto e seu contexto, as partes e o todo, o múltiplo e o uno). (MORIN, 2000, p. 94).

Para o autor, compreender passa pela dimensão e exigências objetivas da explicação intelectual, o que é necessário para o conhecimento, mas não é tudo; explicar não basta para alcançar a compreensão humana. Esta tem a ver com o sujeito em relação uns com os outros, com um processo de identificação e de projeção da vida, dos saberes e dos sentimentos de uns com os outros; é sempre intersubjetiva. Permite assim uma compreensão da pluralidade, das diferenças e conflitos nas relações sociais; “permite apreender em conjunto o texto e o contexto, o ser e o seu meio ambiente, o local e o global, o multidimensional, em suma, o complexo...” (Morin, 2000, p. 100), para uma convivência num mundo em processo civilizatório constante e, especialmente, em processos de cidadania.

A sociologia no ensino médio tem o ofício racional e artesanal, objetivo e subjetivo de compreender processos plurais nas sociedades e “ensinar a compreensão” aos jovens e não meramente explicar teorias quase canônicas. Há pressupostos teóricos e metodológicos básicos para o ensino da sociologia, como afirma Ileizi Silva, acumulados desde a elaboração desta ciência até a formulação de pesquisas e formas de pensar os fenômenos sociais em relação com a vida, o que nos leva a pensar o ofício de professor entre a teoria acumulada e as necessidades da ciência em relação à realidade da juventude:

Tais pressupostos orientam a seleção dos conteúdos e a criação dos métodos de ensino. O ofício de professor é parecido com o do artesão que aprende os conhecimentos com os mestres de ofício, mas vai criando suas técnicas ao longo da vida. A base do ofício é o saber, são os saberes elaborados historicamente sobre a arte, e no nosso caso, sobre a ciência. As técnicas nascem das necessidades contemporâneas e do saber acumulado e apropriado pelo artesão e pelo professor. Desta forma, não temos motivos para ficarmos totalmente perdidos, desorientados e sem saber por onde começar o ensino de sociologia nas escolas. Temos de nos concentrar em duas dimensões da nossa tarefa: o saber acumulado da sociologia e as necessidades contemporâneas da juventude, da escola, do ensino médio e dos fenômenos sociais mais amplos. Do saber acumulado,

definimos princípios lógicos do raciocínio e da imaginação sociológica. Das necessidades contemporâneas, definimos modos de ensinar, técnicas de criação de vínculos da sociologia com os alunos. (SILVA, 2009, pp. 68-69).

Ensinar a compreensão objetiva e subjetiva passa bem mais pela identificação e empatia com a vida desses jovens, pela experiência de intersubjetividade, associada à criação artesanal do ensino que passa pelos conteúdos já elaborados, novas criações de métodos e técnicas, sempre relacionados à vida, à experiência, às necessidades.

Isso remete ao pensamento de Amaral Fontoura, representante do ideário escolanovista, que ainda na década de 1930 alertava para a dimensão ativa do ensino da disciplina. Dizia ele: “Sociologia é matéria viva, Sociologia é vida. Fazemos Sociologia em casa, na repartição, na escola, no clube, na igreja [...] O ensino de Sociologia ou é ativo, vivo, ou não é ensino de Sociologia” (FONTOURA, 1947).

Sociologia como ciência articulada ao mundo vivido plural dos alunos é a meta. É desta forma que pensamos os cursos de formação de professores de Sociologia e os Projetos como o PIBID.

4. Considerações de uma ciência para jovens

O ensino da Sociologia no ensino médio, como formadora de jovens, passa, então, pela segurança das teorias instituídas e também pela insegurança de conteúdos incertos do mundo vivido juvenil. Ele não está nos muros das universidades, às vezes um tanto fechado aos intelectualismos do mundo seguro do conhecimento; ele está envolto no destino incerto e impreciso da escola pública brasileira. Na maior parte das vezes, o ensino da sociologia, quando se depara com as incertezas que não se objetivam no aprendizado de sua formação cognitiva e técnica, age teórica ou tecnicamente de acordo com a experiência e raras vezes apostam na criação artesanal.

Paulo Freire nos lembra que, para tratar da formação de qualquer ser humano, não bastam currículos e módulos perfeitamente calculados legítimos e democráticos. Não significa simplesmente ensinar a técnica segura, mas aventurar-se interminavelmente na atitude de aprender uns com os outros, “construir”, “reconstruir”, “constatar para mudar”. É preciso correr o risco,

associar a aprendizagem à autonomia, pois o indivíduo se reinventa no aprendizado de sua autonomia. E essa é uma atitude em permanente renovação, portanto, entregue também às incertezas da vida real.

Gadotti, ao refletir sobre as perspectivas para a educação, se pergunta sobre o papel da escola na sociedade informacional. Ele mesmo responde que à instituição educativa (e, portanto, aos professores) cabem organizar um movimento global de renovação cultural, aproveitando-se de toda a riqueza de informações gerada no mundo. Assim,

na sociedade da informação, a escola deve servir de *bússola* para navegar nesse mar do conhecimento, superando a visão utilitarista de só oferecer informações "úteis" para a competitividade, para obter resultados. Deve oferecer uma formação geral na direção de uma educação integral. O que significa servir de bússola? Significa orientar criticamente, sobretudo as crianças e jovens, na busca de uma informação que os faça crescer e não embrutecer (GADOTTI, 2000, p. 7).

Partimos da concepção de que a formação de qualquer cidadão passa por uma pedagogia que suscite o exercício do pensamento, no sentido de pensar novos horizontes, ultrapassar o ensino técnico e formal das disciplinas, para uma prática educativa inserida nos espaços sociais, esses, alvos de destino incerto diante das configurações cotidianas.

No campo do ensino da sociologia para jovens, é essa complexidade que precisamos considerar. Concordamos com Araújo quando reforça que o conhecimento sociológico

serve para nos fazer compreender o de-sencamento do mundo (usado no sentido lúdico de re-encantar, como deslumbramento e inspiração), trazendo explicações racionais para aquilo que parecia puro mistério ou destino. E para (...) encontrar o melhor modo de nos filiarmos a ele, com prazer e convicção própria, ajudando a construí-lo de um jeito que seja melhor para todos. (ARAÚJO, 2009, p.14).

A dimensão freireana é, assim, imprescindível. Temos constatado, na experiência do PIBID, em sala de aula, que é possível entregar-se ao espírito aventureiro de um mundo incerto ao entrecruzar a dimensão técnica e teórica de textos e regras formais com a discussão das experiências de formação, de novos currículos e modos de ser e pensar dos jovens. Entregar-se a aventura é também enfrentar as incertezas, como diz Morin:

Nova consciência começa a surgir: o homem, confrontado de todos os lados às incertezas, é levado em nova aventura. É preciso aprender a enfrentar a incerteza, já que vivemos em uma época de mudança em que os valores são ambivalentes, em que tudo é ligado (MORIN, 2000, p. 84).

O autor argumenta sobre a ideia da “incerteza do real”, que precisamos estar cientes disso e também prontos a enfrentá-la, ou seja, perceber que lidamos com o desconhecido. Ao compreender isso é possível lidar com as incertezas, sabendo que há muito a descobrir que ainda está invisível nos processos reais da vida, o que significa saber interpretar a realidade banhada pela neblina do conhecimento.

Enfim, a concepção do conhecimento pertinente e do ensino pela perspectiva da compreensão nos revela que não bastam os saberes e as técnicas no processo de formação, não basta a compreensão intelectual, objetiva, em quaisquer disciplinas, não somente a sociologia. Há que se considerar a aventura cotidiana permeada de destinos subjetivos, de encontros e desencontros entre professores e alunos que impõem incertezas sobre quais problemas enfrentar e como enfrentá-los. É claro que as teorias, as disciplinas e as técnicas contribuem, mas precisam suprimir o atraso e fragilidade de como são ministradas nas escolas.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Maria Neyara de Oliveira. Sociologia no ensino médio: Por que ensinar? O que ensinar? Como ensinar? In ARAÚJO, Maria Neyara de Oliveira et al. Epistemologias e Tecnologias para o ensino das Ciências Humanas e Sociais- Fascículo 2: **O ensino de Sociologia**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009.

FONTOURA, Amaral. **Introdução à Sociologia**. Rio de Janeiro, Globo, 1947.

FREIRE, Paulo (1997). **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra.

GADOTTI, MOACIR. Perspectivas atuais da educação. **São Paulo Perspectiva**. [online]. abr./jun. 2000, vol.14, no.2, p.03-11. Disponível em la World Wide Web: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000200002&lng=es&nrm=iso>. ISSN 0102-8839. Acesso em 21 de maio de 2006.

GONÇALVES, Danyelle Nilin; ALMEIDA, Rosemary de Oliveira. Os desafios da Sociologia no Ensino Médio. **Revista Vida e Educação**, p. 14 - 16, 01 maio 2010.

MARTINS, Maria Anita Viviani. Reflexões acerca de formar professores In RIVERO, Cléia Maria L.; GALLO, Sílvio (Orgs). **A formação de professores na sociedade do conhecimento**. Bauru,SP: Edusc, 2004.

MILLS, C. Wright. **A Imaginação Sociológica**, Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Ligados à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

PINTO, Anamelea de Campos. A experiência reflexiva na formação de professores. In BELLONI, Maria Luiza (Org). **A formação na sociedade do espetáculo**. São Paulo: Edições Loyola, 2002. (Coleção Tendências).

SILVA, Ileizi L. F. Fundamentos e metodologias do ensino de sociologia na educação básica. In: HANDFAS, Anita e OLIVEIRA, Luiz Fernandes (orgs.). **A Sociologia vai à escola: história, ensino e docência**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2009, pp. 63-91.

SIMMEL, Georg (2005). A Aventura. In: SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold (Orgs.). **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília. pp. 169-184.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1986.